

As similaridades entre fake news em redes sociais com os relatos de Agentes Comunitários de Saúde¹

Rodrigo Nascimento Reis²

Camilla Quesada Tavares³

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

Este artigo buscou identificar as correspondências entre os estudos sobre fake news na pandemia da Covid-19 e os relatos dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) da cidade de Imperatriz-MA. O objetivo foi compreender se, nesta realidade local, houve casos isolados de desinformação ou a incorporação das principais fake news que circularam no Brasil no período pandêmico. Para isso, foram realizados dois grupos focais e o tratamento de dados no Atlas.ti. Os resultados mostram que houve assimilação de fake news das redes sociais, ao mesmo tempo em que a população local, por causa de experiências pessoais, compartilhou informações sem comprovação científica.

PALAVRAS-CHAVE: Fake news; Agente Comunitário de Saúde; Imperatriz-MA; Redes sociais; Covid-19.

INTRODUÇÃO

Grande parte das pesquisas no Brasil sobre a circulação de fake news relacionadas à vacinação buscou identificá-las e caracterizá-las, especialmente durante o período da pandemia, através das plataformas digitais. Nesse contexto, este artigo visa identificar correspondências dessa produção desinformativa, especialmente no contexto da hesitação vacinal, na prática dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS).

Esta estratégia visa explorar a seguinte hipótese: considerando o trabalho próximo dos ACS com as populações locais do Brasil, é possível que diferentes dados sobre fake news tenham circulado sem similaridades com informações encontradas em redes sociais. Ou, pode simplesmente ocorrer a reincidência de fake news já identificadas em estudos nacionais. Esta é uma situação que só pode ser confirmada presencialmente.

¹ Trabalho apresentado no GP – Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. O artigo engloba os resultados da pesquisa “Desinformação e Descrédito na Ciência no Contexto de Imperatriz/Maranhão”, com financiamento da FAPEMA/CNPq (PROCESSO: APP-12152/22, TERMO: 002462/2023).

² ² Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: rodrigoreisitz@gmail.com

³ Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente da Graduação e Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: camilla.tavares@ufma.br

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O termo "fake news", embora popular, não consegue abarcar com profundidade a complexa realidade dos fenômenos sociais, pois nem toda informação duvidosa se enquadra no eufemismo de "notícia falsa" (Silva e Melo, 2020; Carvalho, 2021). Diante do dissenso conceitual de fake news, Wardle e Derakhshan (2018) propõem o conceito de desinformação como a produção e compartilhamento proposital de informação sabidamente duvidosa/forjada com a intenção de enganar as pessoas.

Os autores sinalizam ainda que o fenômeno pode ser explorado em três eixos correlatos: a) misinformation, ou informação incorreta; ocorre quando o indivíduo não possui a intenção de enganar o outro, logo, compartilhou porque acreditou que o conteúdo é verdadeiro; b) disinformation, ou desinformação; acontece pela produção intencional de conteúdo malicioso com o intuito de manipular e enganar o outro (nesse eixo quem compartilha está ciente de que o conteúdo é falso); e, por fim, o último eixo c) mal-information, ou má-informação, trata-se do conteúdo com base na realidade, porém alterado para causar prejuízos às pessoas e organizações.

Bennett e Livingston (2018) argumentam que a desinformação promove uma desordem na comunicação, afetando todas as áreas da sociedade. Uma delas é a saúde e a ciência, que acabam sendo descredibilizadas para dar margem a conteúdos maliciosos e teorias da conspiração (Oliveira, 2020; Albuquerque e Quinan, 2019).

É a partir dessa conjuntura que muitos pesquisadores têm se dedicado a compreender a circulação de desinformação relacionada a ciência e saúde em plataformas digitais. Barcelos et al. (2021) analisaram 329 fake news, assim classificadas em espaços de esclarecimentos nos sites do G1 e do Ministério da Saúde. Segundo o estudo, WhatsApp, Facebook, Twitter, Sites diversos, Instagram, YouTube e Tiktok foram os principais canais de divulgação da circulação de desinformação. Todavia, algumas notícias não tiveram a origem identificada. De tal modo que as principais fake news do período analisado revelaram que elas “no Brasil se caracterizaram, principalmente, por conteúdos de posicionamento político e desinformação sobre número de casos e óbitos e medidas de prevenção e de tratamento” (Barcelos et.al 2021).

Na investigação de Falcão e Souza (2021), receitas caseiras e indicação de produtos naturais para imunização da Covid-19 foram as fake news mais comuns via WhatsApp. No entanto, outros pesquisadores como Fernandes e Montuori (2020)

conseguiram categorizar a hesitação vacinal de forma mais compacta e por isso, serão utilizados como principal referência para o nosso cruzamento de dados. Eles analisaram uma fake news que circulou bastante no Facebook sobre as razões que pelas quais as pessoas não deviam vacinar seus filhos. De modo sucinto, a classificação ficou dessa forma : a) as vacinas não funcionam; b) as vacinas causam morte ou trazem algum dano aos usuários; c) as vacinas beneficiam as indústrias farmacêuticas e d) não vacinar permite maior imunização aos indivíduos.

Outro grupo de pesquisadores se dedicou ao estudo da contestação das vacinas contra Covid-19 em grupos do Telegram no Brasil. Maia et al. (2023, p.17) observam a preponderância de três linhas argumentativas por trás dos conteúdos duvidosos: a) o imunizante não é seguro e eficaz; b) ocorrência de interesses econômicos (obscuros) na gestão da pandemia e fabricação das vacinas e c) cada pessoa possui o direito à privacidade e defesa da liberdade.

METODOLOGIA

Nesse sentido, a pesquisa possui como recorte geográfico a cidade de Imperatriz, no Maranhão. Com base nas indicações de Cardano (2017) e Barbour (2009), foram realizados dois grupos focais com Agentes Comunitários de Saúde (ACS) na cidade. O primeiro ocorreu na manhã do dia 7 de novembro de 2023, na sede do Sindicato dos próprios ACS, reunindo 11 ACS com idades entre 42 e 57 anos, reconhecidos como líderes em vários bairros da cidade. Eles são definidos como líderes por sua contribuição na organização do trabalho dos colegas nas Unidades Básicas de Saúde (UBS). O segundo grupo focal ocorreu no dia seguinte, na Unidade Básica de Saúde do bairro Cafeteira, com a participação de 11 ACS, cujas idades variavam entre 25 e 64 anos e que atuavam no mesmo bairro da UBS.

A seguinte questão discutida nesses grupos focais é a base para nossa discussão nesse *paper*: Como vocês ficam sabendo sobre fake news relacionadas à vacinação? Isso chega até vocês por meio de grupos de WhatsApp ou por meio de relatos das pessoas?

Os dados coletados durante os grupos focais foram transcritos e analisados qualitativamente pelo Software Atlas.ti. A análise concentrou-se em identificar padrões e temas recorrentes nas respostas dos participantes em relação ao referencial teórico sobre os principais canais de circulação de fake news durante a pandemia sobre a vacinação e suas características.

RESULTADOS

Deve-se levar em conta que os resultados aqui apresentados fazem parte das respostas de uma questão do grupo focal, que envolveu a interação de 22 Agentes Comunitários de Saúde. De modo geral, embora mediado por um roteiro, os participantes do grupo focal possuem liberdade para resgatar perguntas anteriores, acessarem memórias e fazerem ligações sem relação a pergunta do momento. Isso nos mostra que futuramente uma análise de todas as perguntas do grupo focal pode trazer ainda mais descobertas.

Focando no nosso recorte, não encontramos nenhum relato específico sobre receitas caseiras ou uso de produtos naturais para imunização como foi identificado por Falcão e Souza (2021). Sobre os principais canais de circulação:

1. @ACS_SI: "Chega de todas as formas, tanto de relato, gente que inventa, TikTok, WhatsApp, Facebook, entre nós mesmo a gente sabe: não estuda, não vai atrás, aí vem o outro falando e acaba acreditando, acaba acreditando nas informações."
2. @ACS_SI: "Muitas vezes na minha área, é relato de pessoas, que viu, certos comentários nas redes sociais, que a vacina, principalmente em relação a Covid que mais tá debatendo na área para criança, porque tem muitas mães que não querem vacinar, devido a isso, devido aos relatos, vídeos que elas ver no WhatsApp."

Quanto a hesitação vacinal, Fernandes e Montuori (2020) foi possível encontrar correspondências práticas para categorias pensadas inicialmente para o ambiente online.

As vacinas não funcionam:

1. @ ACS_SI: "Na minha área mesmo tem muitas crianças que não são vacinadas da vacina da Covid por causa dessas fake news."

As vacinas causam morte ou danos:

1. @ ACS_SI: "É o que mais acontece, fake news. 'Ah fulano, deu uma parada cardíaca porque tomou a vacina', 'deu trombose porque tomou a vacina da COVID'."
2. @ ACS_SI: "Filho de cicrano só vacinou, deu uma parada cardíaca, são várias mães que não querem ir, além dos relatos na internet, têm também relatos mesmo pessoais."

Sobre se as vacinas beneficiam a indústria farmacêutica ou se não vacinar permite maior imunização natural, não encontramos nestes relatos da questão supracitada. Em relação a contestação das vacinas contra Covid-19 (Maia et al., 2023), encontramos as seguintes correspondências:

O imunizante não é seguro e eficaz:

1. @ACS_SI: "Me parece que aconteceu mesmo com a criança, mas não teve nada a ver com a vacina, foi porque foi na semana que ela tomou, ela sofreu esse..".

Interesses econômicos obscuros na gestão da pandemia e fabricação das vacinas:

1. @ACS_SI: "Na minha família tem um irmão nosso que não tomou, porque na mente dele é um projeto para diminuir a população, e que daqui a dois anos, nós tomamos a vacina, aí daqui a dois anos todos que tomam vai morrer."

Direito à privacidade e defesa da liberdade individual:

1. @ACS_SI: "Eu vou sair do programa Bolsa Família, mas minha filha não toma."

REFLEXÕES FINAIS

O estudo encontrou várias similaridades entre as fake news que circularam no Brasil sobre a vacinação durante a pandemia e a localidade de Imperatriz, no Maranhão, perceptível aqui pelo trabalho de proximidade dos ACS nos bairros da cidade. Todavia, houve relatos espontâneos que mostram que a fake news surgem dos relatos das pessoas sem necessariamente uma vinculação com uma postagem/texto da internet. Por exemplo, os ACS relataram que receberam ligações dos populares perguntando se o Governo estava realizando testes em domicílios. Desse modo, a ACS precisa confirmar se essa informação é verdadeira para que os moradores permitam ou não a entrada dessas pessoas em suas casas. Esse foi um exemplo local que não encontrou correspondência nas verificações online.

Os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) têm identificado múltiplas fake news sobre vacinação, disseminadas principalmente através de plataformas como WhatsApp, TikTok, Facebook, Instagram, Telegram e relatos diretos de pessoas. Eles observam que muitos indivíduos acabam acreditando nessas informações falsas devido à falta de educação formal. A situação é agravada por coincidências cotidianas, onde casos isolados de morte são erroneamente vinculados à vacinação. Por exemplo, um vídeo viral nas redes sociais apresenta um relato de uma pessoa que afirma que um familiar morreu de trombose após a vacinação, enquanto simultaneamente ocorre um óbito na comunidade após a imunização. Esses eventos são erroneamente associados, reforçando a crença propagada pelo vídeo.

Tomando os dados em conjunto, confirmamos a efervescência da circulação de fake news relacionada à vacinação da Covid-19 em Imperatriz, no Maranhão. As

estruturas argumentativas de descrença encontradas nas redes sociais encontraram ressonância nos relatos dos ACS sobre a percepção deles da comunidade local. Mais do que similaridades, os ACS relatam o impacto negativo das fake news no cotidiano dos populares, tais como: hesitação vacinal com foco nas crianças, diminuição na procura por outras vacinas e descrença na Ciência de modo geral.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso; QUINAN, Rodrigo. Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal “Professor Terra Plana”. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 3, p. 83-104, 2019.

BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BENNETT, W. L., & LIVINGSTON, S.. **The disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions**. *European journal of communication*, 2018, 33(2), 122-139.

BARCELOS, T. N.; MUNIZ, L. N.; DANTAS, D. M.; COTRIM JUNIOR, D. F.; CAVALCANTE, J. R.; FAERSTEIN, E. **Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil**. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 45, p. e65, 2021.

CARDANO, M. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2017.

CARVALHO, R. L. V. R. **Notícias falsas ou propaganda?: Uma análise do estado da arte do conceito fake news**. *Questões Transversais*, [S. l.], v. 7, n. 13, 2019. Disponível em:

FALCÃO, P.; SOUZA, A. B. de. **Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil**. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, v. 15, n. 1, 2021.

FERNANDES, C. M.; MONTUORI, C. **A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das fake news contidas em 'As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho'**. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, v. 14, n. 2, 2020.

MAIA, Lídia Raquel Herculano et al. **A contestação às vacinas contra Covid-19 em grupos do Telegram no Brasil**. *Intexto*, [s. l.], n. 55, e127361, 2023

OLIVEIRA, Thaiane. **Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia**. *Liinc em Revista*, v. 16, n. 2, p. e5374-e5374, 2020

SILVA, Marco Antônio Roxo da; MELO, Seane Alves. **Fake news: fronteiras do jornalismo e circulação de (des)informação sobre saúde**. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 1-5, jan./mar. 2020.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein, 2018. **Thinking about ‘information disorder’: formats of misinformation, disinformation, and mal information**. In: IRETON, C.; POSETTI, J. (Ed.). *Journalism, ‘fake news’ & disinformation: handbook for journalism education and training, module 2*. UNESCO, 2018. p. 44 56